

## Narrativas autobiográficas nas cartas de jovens jesuítas do século XVII ao século XX

Autobiographical narratives in letters of young jesuits from the seventeenth century to the twentieth century

Marina Massimi

Universidade de São Paulo

---

### RESUMO:

O artigo estuda um grupo de cartas elaboradas no âmbito da Companhia de Jesus: as *Litterae Indipetae*, pelas quais jovens jesuítas pedem ao Superior geral da Companhia para servirem nas Missões. As *Indipetae* transmitem a particularidade da vivência de cada autor, na busca de explicitar suas motivações quanto ao desejo de ir atuar nos contextos missionários do além-mar. Configura-se assim a grande riqueza desta documentação do ponto de vista psicológico. Nossa hipótese é a de que tais fontes carregam significativos conteúdos de elaboração pessoal, tendo em vista a definição do próprio projeto de vida. O recorte espaço temporal de nossa análise compreende dois grupos de cartas elaboradas por jesuítas italianos respectivamente no século XVII (período da Antiga Companhia), XIX e XX (período da Nova Companhia). Os resultados da análise apontam para aspectos de continuidade e descontinuidade e evidenciam na vontade o motor principal do processo subjetivo documentado na narrativa.

**Palavras-chave:** autobiografia; história dos saberes psicológicos; saberes psicológicos dos jesuítas; formação da subjetividade

---

### ABSTRACT:

The paper studies a group of letters made within the Society of Jesus: the *Litterae Indipetae*, where young Jesuits ask the Superior General of the Society to serve in missions. The *Indipetae* convey the particularity of the experience of each author, in seeking to explain their motivations as the desire to go work in the contexts of missionaries overseas. Set up so the great wealth of this documentation psychological standpoint. Our hypothesis is that such sources carry significant personal development content aimed at the definition of own life project. The space time of our analysis comprises two groups of letters prepared respectively by the Italian Jesuits in the seventeenth century (the period of the Old Company), nineteenth and twentieth centuries (the period of the New Company). The results of the analysis point to aspects of continuity and discontinuity, and will show in the main factor of the subjective process documented in the narrative.

**Key-words:** autobiography; history of psychological knowledge; psychological knowledge of the Jesuits; formation of subjectivity.

---

## **Introdução**

Neste artigo, enfocaremos narrativas autobiográficas evidenciadas num tipo específico de correspondência epistolar elaborada no âmbito da Companhia de Jesus: as *Litterae Indipetae*, cartas em que jovens jesuítas, entre o século XVI e o século XX, pedem ao Superior geral da Companhia para servirem nas Missões. Existe, no arquivo histórico da Cúria Geral da Companhia de Jesus em Roma, um grupo de quase quinze mil cartas desta natureza; mas a estimativa é a de que, ao todo, tenham sido escritas cerca de 24.000 *Indipetae*.<sup>1</sup> Recentemente, vários investigadores têm se debruçado sobre o estudo destas fontes (ROSCIONI, 2001; MASSIMI & PRUDENTE, 2002; SOUZA, L. V. e MASSIMI, M., 2002; BARROS & MASSIMI, 2005; PIZZORUSSO, 1997 e 2011; MALDAWSKY, 2012; FABRE, 2010), devido à riqueza de informações e complexidade nelas contidas, que tornam possível uma pluralidade de enfoques de análise.

Do ponto de vista do gênero da correspondência epistolar, as *Indipetae* são classificadas como cartas de tipo *suasório* e têm também importante função institucional de reforçar as ligações entre os membros e os superiores (MASSIMI & PRUDENTE, 2002). A exigência da escrita do pedido de envio às missões além mar, numa carta destinada ao Padre Geral da Companhia, foi introduzida na Companhia de Jesus no fim do século XVI. As cartas assumem uma tripla função: esclarecer para o autor e o destinatário a natureza do desejo das missões; reforçar as relações entre cada membro da Companhia e seus superiores, especialmente o Padre Geral; submeter o desejo individual à vontade de Deus, entregando-se à decisão do Geral, cuja autoridade é tida como sinal da vontade divina. Dessa forma, as *Indipetae* ao mesmo tempo são expressão de uma dinâmica institucional relacionada com a política missionária da Companhia e das motivações pessoais de seus membros (PIZZORUSSO, 1977), sobretudo dos jovens atraídos pela aventura missionária.

Desse modo, cada relato transmite a particularidade da vivência do autor, na busca de explicitar suas motivações quanto ao desejo de ir atuar nos contextos missionários do além-mar. Configura-se assim a grande riqueza desta documentação do ponto de vista da elaboração subjetiva realizada pelos autores das cartas. No presente trabalho, abordaremos os traços autobiográficos evidenciáveis nessas fontes.

O recorte espaço temporal de nossa análise compreende dois grupos de cartas elaboradas por jesuítas italianos, respectivamente no século XVII (período da Antiga Companhia) e nos séculos XIX e XX (período da Nova Companhia), buscando também investigar possíveis discontinuidades devidas ao período da supressão da Ordem (1773-1814) e evidenciar aspectos de continuidade.

Realizaremos aqui a análise destes textos autobiográficos numa perspectiva metodológica comparativa. Propomos:

1. Analisar o relato das vivências pessoais elaborado nas cartas à luz da categoria jesuítica de ‘discernimento interior’ (método de conhecimento de si, próprio da tradição jesuítica); bem como à luz de contribuições de autores modernos e contemporâneos que têm se debruçado na compreensão da dinâmica subjetivas do conhecimento de si e da tomada de decisão. Especificamente, utilizaremos as contribuições de W. Dilthey – no que diz respeito à definição das características que estruturam a narrativa autobiográfica<sup>2</sup> - e de E. Minkowsky<sup>3</sup>, L. Binswanger<sup>4</sup> e E. Borgna<sup>5</sup> – no que diz respeito ao estudo dos processos psicológicos inerentes a esta narrativa e ao posicionamento da vontade tendo em vista a realização de uma meta. Pois é a partir dos atos anímicos do conhecimento de si e da tomada de decisão que se estabelece o motivo condutor que conecte as vivências expostas na carta. Pretendemos com isto evidenciar aspetos do processo ligados ao contexto histórico circunstancial em que ele ocorre (a imanência dos autores ao âmbito da Companhia de Jesus); e aspectos inerentes a estrutura geral desses atos anímicos (assim como evidenciados por Dilthey e pelos autores citados acima, numa perspectiva fenomenológica).

2. Comparar *Indipetae* elaboradas em diferentes períodos históricos para assinalar possíveis semelhanças (decorrentes do modelo exemplar, ou experiência modelar, comum) como também as diferenças (decorrentes das modalidades de apreensão e tematização autobiográfica peculiares aos diversos períodos históricos em que ocorreu a escrita delas).

A análise dos documentos implica a compreensão da estrutura formal das cartas à luz das normas da instituição e da retórica vigente nos períodos históricos em que foram escritas.

De modo geral, as categorias de análise podem ser derivadas de tópicos recorrentes nas narrativas; essas categorias permitem um amplo leque de investigações, sendo elas: a complementaridade entre o desejo das missões repetidamente formulado pelos narradores e a virtude jesuítica da indiferença (complementaridade que, na visão da psicologia jesuítica, é expressiva do dinamismo unitário da vontade) (BARROS & MASSIMI, 2005); as motivações do pedido elaboradas através do processo de conhecimento de si mesmo e as categorias do discernimento (incluindo-se neste processo também o conhecimento do temperamento individual e da complexão corporal) (MASSIMI, 2010); as relações sociais decisivas no percurso do discernimento (os superiores, outros membros da comunidade, figuras exemplares); a influência da leitura de narrativas exemplares (como as biografias dos

santos da Companhia ou cartas dos missionárias); o interesse por novos espaços de ação em outros Países.

Na presente pesquisa, os tópicos enfocados são: as motivações do pedido elaboradas através do processo de conhecimento de si mesmo e as categorias utilizadas por este discernimento.

### **A narrativa autobiográfica nas *Indipetae***

Em primeiro lugar, cabe se perguntar em que sentido as *Indipetae* contêm traços de narrativa autobiográfica.

A narrativa autobiográfica é um gênero cujas origens remontam a Agostinho de Hipona (*Confissões*), mas que, sobretudo no início da Idade Moderna, começou a adquirir grande destaque e difusão (MASSIMI, 2011). Nessa época histórica, nasce a Companhia de Jesus; e de fato, as autobiografias são frequentes no seio da Companhia, a começar aquela do próprio fundador Inácio de Loyola: o Diário espiritual, escrito entre 1544 e 1545 (1996); e a Autobiografia narrada por Inácio ao secretário Luis Gonçalves da Câmara e por ele transcrita, ao longo de três períodos, entre 1559 e 1561 (1991). Cabe citar também as Confissões de Pedro Canisio (1570/1998) e o Memorial de Pierre Fabre (1995), escrito entre 1542 e 1546. Evidentemente, a autobiografia do fundador é o modelo exemplar da narrativa autobiografia dos jesuítas.

A modalidade de reconstruir sua própria história de vida, e de narrá-la, típica das *Indipetae*, realiza-se, portanto, à luz deste modelo exemplar que é a narrativa inaciana, sobre a qual convém brevemente deter-se. Este modelo de narrativa responde ao objetivo explicitado pelo jesuíta espanhol J. Nadal, um dos primeiros integrantes da Ordem e colaborador de Inácio na elaboração das Constituições, o qual a solicitou de Inácio. No Prólogo, Nadal comenta que: “Pedi-lhe instantemente quisesse expor-nos o modo como Deus o dirigira desde o princípio de sua conversão: tal relação poderia servir-nos de testamento e ensino paterno” (1561/1991, p. 10). Com efeito, conforme referido por Câmara, Nadal achava que a escrita da autobiografia do Inácio reverteria em maior benefício para Companhia, pois “seria fundá-la verdadeiramente” (p. 15). Nadal considerava Inácio não apenas como o fundador da Companhia, mas também como o modelo exemplar a ser imitado por todos os jesuítas.

O redator, Câmara, ao relatar como Inácio – já ao término de sua vida e consciente de que a morte estava à espreita (“disse que esperava viver três ou quatro meses para acabar este assunto”) - o chamou para a tarefa de redigir a autobiografia, afirma que a

intenção deste era “declarar quanto até ali se passara por sua alma” (p. 14). Câmara também fornece detalhes acerca da narrativa de Inácio: este relatara sua vida a partir das aventuras da mocidade, “clara, e distintamente, com todas as circunstâncias” (idem, p. 14); “com tanta clareza que parece tornar presente ao ouvinte todo o passado” (idem); e a narração fluía de forma tal que “não era preciso perguntar-lhe nada, pois tudo o que importava para satisfazer um homem, o Padre se lembrava de o trazer” (idem).

Esses aspectos nos esclarecem acerca do escopo da narrativa autobiográfica das *Indipetae*: trata-se de documentar ao Padre Superior a conformação pessoal de quem escreve à experiência modelar de Inácio, sendo esta conformação o objetivo prioritário da vocação jesuítica, cujo valor precede o próprio pedido das Índias que é o objeto da carta.

Por essa intencionalidade, as cartas *Indipetae* se enxertam no filão geral da narrativa autobiográfica que, conforme salienta Dilthey, consiste na “reflexão do homem sobre a trajetória de sua vida” (1970/2010, p.179); e como afirma Burr, sempre implica uma “perspectiva totalizadora sobre a vida do autor” (em GALLE & HOSMOS, 2006, p. 11). Segundo Dilthey, as autobiografias acontecem quando o autor realiza pela narrativa “a conexão entre as diversas partes de seu próprio transcurso vital” (1970/2010, p. 176), ao colocar uma “meta” a partir da qual “todo evento anterior é apenas uma estação no caminho que conduz até ela” (idem). Portanto, o critério ordenador da narrativa autobiográfica - a conexão - não é tanto cronológico quanto funcional a um “significado, valor, sentido e finalidade” (idem, p. 177).

À luz destas considerações preliminares, nossa hipótese é a de que as cartas *Indipetae* carregam significativos conteúdos de elaboração pessoal, tendo em vista a definição do próprio projeto de vida dos seus autores. Em anteriores pesquisas, já mostramos a importância deste processo no que diz respeito ao desenvolvimento da subjetividade ocidental moderna e, portanto, sua relevância para a história dos saberes psicológicos (MASSIMI & PRUDENTE, 2002).

Nesta perspectiva, a narrativa autobiográfica proposta nas *Indipetae* é especialmente instigante. Nelas documenta-se a modalidade em que, como descrito na já citada autobiografia de um famoso jesuíta (P. Canisio), os anseios juvenis, “desejos (...) onde aparece a inclinação da mente para uma realidade futura”, são transformados e moldados nos termos de um projeto coletivo: o projeto missionário da Companhia. Realiza-se assim, nestes documentos, um tipo de compreensão autobiográfica da própria vida que exemplifica o colocado por Dilthey. Na autobiografia, segundo este autor, “a compreensão de sua vida realiza-se na relação entre as partes dessa vida e a concretização

de um valor absoluto, de um bem incondicionadamente supremo. Nessa relação, surge para aquele que olha para trás a consciência do significado de cada momento anterior da vida” (idem, p. 177). Assim, a *Indipeta* insere-se plenamente, dentre outros<sup>6</sup>, no gênero autobiográfico

### **Resultados**

Os resultados da análise apontam para aspectos de continuidade e descontinuidade: as formulações do pedido das “Índias” nas narrativas são semelhantes e também são similares as categorias utilizadas para o discernimento; todavia, há ênfases diferentes na apreensão do processo interior de conhecimento de si e discernimento, que descrevemos a seguir. Quanto ao interesse para novos espaços de ação e as relações sociais implicadas no processo decisório, evidenciam-se também conotações diversas entre a correspondência do século XVI e a dos séculos XIX-XX, não sendo este, porém, o tema da presente investigação. Analisamos a seguir os principais tópicos acerca de autoconhecimento e discernimento tematizados pelas narrativas das cartas.

#### **A “voz interior”**

Ao relatar a história de sua vida e o desejo de missão, um dos critérios colocados pelos autores *indipetentes* do século XVII como norte para discernir este desejo é a “escuta da voz interior”, que uma vez ouvida é fonte de “continuo júbilo e alegria espiritual” (GIANFRANCO CARBONELLO, n. 11, Napoli 9 janeiro 1619, ARSI, FG. n.173). A vivência das “consolações, ternura e lágrimas” é um teste da veracidade do desejo missionário, assim como exposto na carta (GIOVAN BATTISTA VERACE, n. 10-11, Genova, 20 de janeiro de 1615, ARSI, FG. n.173).

Essa “voz interior”, expressiva do chamado divino à missão além-mar, é o eixo em volta do qual se realiza o processo autobiográfico: este se assemelha ao dinamismo descrito por Dilthey, que desencadeia o acontecer da narrativa autobiográfica. O autor deste tipo de narrativa é, segundo Dilthey, “o homem, que busca a conexão na história de sua vida, concretizada em tudo aquilo que sentiu como valor de sua vida, como finalidade dessa vida, em tudo aquilo que esboçou como plano de vida, que considerou, olhando para trás, como seu desenvolvimento, e, olhando para frente, como a configuração de sua vida e de seu bem supremo”. Desse modo, “em tudo isso, ele já estabelece uma conexão própria à sua vida sob diversos pontos de vista, uma conexão que será ora expressa na narrativa. Ele destaca e acentua em lembrança os momentos de sua vida que

experimentou como significativos e deixa os outros mergulharem no esquecimento” (DILTHEY, 1970/2010, p. 179).

No ‘presente’ em que cada autor realiza a escrita da carta *indipeta*, o reconhecimento desta “voz”, que realiza a conexão significativa para a leitura do passado e o direcionamento do futuro, não acontece sem conflitos interiores: um dos autores relata, por exemplo, que uma vez iniciada a escrita da carta, “experimentei uma sensação de ser abandonado pelo Espírito, quase que não fosse eu mesmo, ou quase que tivesse me tornado um fantasma”. Todavia, ao sentir pouco tempo depois “renovada força e vigor no animo”, “todas as dificuldades me pareciam sombras e sonhos”. O mesmo autor relata também que, ao considerar sua indignidade, este pensamento “aniquilara-lhe o coração”. Mas novamente o desejo é retomado, ao ouvir “a voz interior que dizia: isto que dizer que a obra é Minha!. Escreva, vá, lança-te em Meus braços. Não duvides, eu estou contigo” (GIOVAN BATTISTA VERACE n. 10-11, Genova, Data: 20 de janeiro de 1615, ARSI, FG. n. 173). Desse modo, explicita-se a natureza desta ‘voz interior’: se trata de uma Alteridade, diante da qual e com a qual o ‘eu’ individual se fortalece para empreender uma ação concebida em função dela.

### ***O atrativo e o conflito interior***

Uma tópica recorrente das narrativas é também a referência a experiências de atrativo exercido por certo objetivo já concretizado na vida de outros, atrativo por experiências modelares que se têm diante dos olhos:

*há tempo em meu coração eu me sentia quase que saciado por todas as coisas desta vida, não podendo nem falar nem pensar acerca de outro assunto a não ser das ações dos Padres e Irmãos missionários da nossa Companhia nas Índias; de modo que totalmente e aos poucos (quase sem me aperceber), surgiu uma afeição àquelas coisas que me parecia de estar já naquelas partes e trabalhar. (GIANBATTISTA ASTRIA N. 4, Genova, 8.1.1615, ARSI, FG. n. 173).*

Este atrativo revela-se mais forte do que os questionamentos e os receios que também aparecem na vivência interior do autor: “muitos e vários foram os contrastes que dentro do meu ânimo se passaram e tais que quase extinguíam aquele fogo acendido em meu coração. Dentre outros, dois eram os principais. O primeiro era: a consideração de como poderia eu sofrer tão acerbos e inauditas provações, tais quais as padecem os que partiram para propagar nossa santa fé”. A esta consideração, porém se opunha, “reduzindo o temor a nada”, “o desejo de padecer grandes coisas por amor de Deus”. O segundo empecilho era “a consideração de quanta virtude são armados os que combatem

naquelas partes” e o “ver-me tão pouco fundado nestas virtudes, tão novo e inexperiente soldado desta milícia”. Novamente a este temor é oposta a consideração da “bondade e misericórdia de Deus”, reconhecido como fonte do desejo da missão e portanto também da força para vive-la. (GIANBATTISTA ASTRIA N. 4, Genova, 8.1.1615, ARSI, FG. n. 173).

Estas palavras expressam uma interioridade marcada por conflitos entre forças opostas, polaridades típicas da idade barroca (MASSIMI&SILVA, 2001). Sentimentos e pensamentos se confrontam e o conflito se resolve somente diante de uma Presença outra que estrutura a instabilidade individual.

O caráter dramático do discernimento é tematizado também nesta outra carta: “estando eu apegado desordenadamente ao sentido e à carne, permaneci sempre erroneamente em meu maligno silêncio”. O apego aos afetos desordenados é *topos* inaciano. Todavia, à força deste apego, se opõem “os estímulos com os quais Deus me provoca a realizar este meu chamado”. (idem)

Minkowski entende que o conflito interior se desencadeia não tanto pela presença de duas forças contrapostas quanto por “certo movimento do ânimo humano que oscila em direção do alto e do baixo”: “de um lado, ao buscar o bem, eu me elevo para além de mim mesmo; de outro lado, ao ceder ao mal, eu desço como num declive, descendo para baixo de mim mesmo” (1999/2005, p.9, trad. nossa). Este dinamismo coloca diante do ânimo “a possibilidade de uma elevação e o perigo de uma queda” (idem, p. 11): nesta inclinação da reta psíquica, “o alto me é dado somente quando eu me coloco a caminho em sua direção e não quando eu fico parado; bem como o baixo me é dado somente se eu escorrego para baixo” (idem, p. 11). A decisão entre a elevação ou a queda pode acontecer no instante:

*No silêncio profundo que se cria ao redor, o drama acontece: ou o ser humano se unirá com a eternidade; ou decairá imolando sua vida no altar de uma vida conservada. Esta decisão pode ter a duração de um instante (...); e, todavia, é este o primeiro evento real da vida do homem, o único capaz de emergir como um acontecimento do fluxo móvel do devir”* (idem, p. 13).

A exposição do conflito, através da carta, ao Padre Geral é o caminho encontrado para solucioná-lo. Novamente, uma alteridade se faz necessária para resolver o impasse. Na carta a seguir, por exemplo, o autor relata em pormenores sua vivência: coloca que, desde os inícios da entrada na Companhia de Jesus, o desejo das missões acendeu-se nele, com “incentivos extraordinários”; mas que “sendo eu pouco experiente e sendo pouco afeiçoado a isto, afastava do coração esta inspiração divina, como sendo uma tentação e

pensamento infantil, parecendo-me que colocar em prática estas intenções seria algo demasiado árduo e transcendente à humana força e poder”. Todavia, continua, “nunca cessara Deus de provocar-me”, de modo que “isto me causava grandíssima melancolia”. Pois, “eu me sentira convidar a algo contrario aos sentidos e à carne e de modo nenhum eu queria”. Mais uma vez, evidencia-se a função decisiva da intervenção de uma alteridade, que se concretiza de vários modos. Inicialmente, pela atuação de um padre mais experiente: “Apercebeu-se de minha tristeza que extravasava por fora o padre Mestre dos noviços, o qual freqüentemente passou a me perguntar se eu estaria sofrendo por alguma forte tentação”. Por outro lado, o conflito era tal que “eu fingia com ele qualquer outro motivo para evitar contar-lhe a verdade, de modo que eu vivia este contraste ao longo de todo o tempo do noviciado”. (GIANBATTISTA ASTRIA N. 4, Genova, 8.1.1615; ARSI, FG. n. 173).

Em outras ocasiões, o chamado e o conflito decorrente se manifestam através de sonhos e misteriosas visitas noturnas:

*a noite anterior à festa da Visitação de Maria, estando eu acordado, vi um homem vestido de peregrino, o qual me disse estas palavras: veniens veni, et adiuva nos. E depois desapareceu. Conteí isto ao meu Superior. A noite sucessiva, ocorreu o mesmo. De modo que, na oração da manhã, eu fiquei refletindo sobre o significado disto e me pareceu reconhecer (por meio da orientação do meu superior) que Deus me chamava a ajudar homens com figura e habito de peregrinos, ou seja os Indianos. (GIOVANNI GIACOMO MARCHESI n. 206, Novellara, 13 luglio 1617, ARSI, FG. n. 173).*

O autor lembra também que, há alguns meses, num período de muitas dúvidas, apareceu-lhe em sonho o santo Francisco Xavier convidando-o a segui-lo. Nem sempre, todavia, os sonhos e as visões são profecias da vontade divina. O mesmo autor relata que, tendo levantado de noite para ir ao banheiro, viu um “demônio com as feições de anjo luminoso” que buscava afastá-lo de seus propósitos. E novamente diante desta ocorrência, é ressaltada a função do superior: “Contei tudo ao superior, o qual julgou isto ser ilusão; e que ainda mais eu deveria ser confirmado em meu propósito missionário” (GIOVANNI GIACOMO MARCHESI n. 206, Novellara, 13 luglio 1617, ARSI, FG. n. 173).

O elemento mais decisivo para superar o conflito acontece com a realização da prática dos Exercícios espirituais, cujo objetivo é justamente educar o sujeito ao discernimento do sentido e finalidade de sua vida. Como efeito, os Exercícios Espirituais (1548/1990), propostos por Inácio de Loyola, são um itinerário de oração e discernimento que possibilita ao exercitante configurar sua vida à experiência modelar de Jesus Cristo,

vivenciada conforme o carisma da Companhia de Jesus. Segundo Inácio, em virtude da força da graça e da iluminação divina, a vontade da pessoa se torna assim livre para eleger o modo em que poderá amar e servir o projeto de Deus na sua inserção na história, e vivenciar a Presença divina em sua condição humana. Este percurso exige da parte do homem o reconhecimento da primazia do amor divino, que gera no ânimo sentimentos de gratidão e atitudes de desprendimento diante das “coisas”: uma disponibilidade total a Deus, atitude esta que Inácio chama de indiferença. Indiferença, segundo Loyola, não significa falta de iniciativa, insensibilidade ou apatia, mas “atitude livre perante as coisas”, distância afetiva dos bens menores para eleger o bem maior. O “indiferente” (Exercícios Espirituais, par.s 23; 157; 170; 179) é aquele que se confia a Deus e se torna livre para aderir ao seu chamado: esta atitude é, nas palavras de Inácio, a condição para realizar uma “boa e sã” eleição, de modo a “seguir aquilo que sentir ser mais para a glória e louvor de Deus Nosso Senhor e salvação de minha alma” (Exercícios Espirituais par. 179). Esta disposição é uma virtude essencial ao perfil de um jesuíta, conforme exposto nas Constituições da Companhia (par. 288).

A partir destas considerações, podemos entender os motivos pelos quais Girolamo Tocchi, autor de uma carta escrita em 1617, encontra na prática dos exercícios “o lume para reconhecer a minha ingratidão e falta de correspondência à santa vocação que Deus me deu”. Todavia, isto também seria insuficiente sem o acontecer de um ulterior elemento que se revela decisivo para o desfecho do processo decisório: a viagem missionária de dois amigos para o Japão. Mais uma vez, é a intervenção de uma alteridade que possibilita a decisão: a decisão já colocada em ato por dois colegas é uma provocação para quem ainda receia na decisão. Escreve o autor que apesar do fato de que “ainda tenho medo de expor meu desejo”,

*eu senti tanto pela partida de meus dois amigos para o Japão, que manifestara interiormente e exteriormente minha aflição, de modo que andava gritando pela casa: “Oh pobre Girolamo, você está danado!!!! Não foi isto que predisseram as vozes divinas que ouvistes nos Exercícios Espirituais? Ele te tomou das mãos a palma do martírio e entregou-a àqueles dois...Andava eu assim gritando pela casa. A noite despertava com tanto medo que Deus me castigasse que molhava com suor todos os lençóis. De modo particular, numa noite, o pavor foi tamanho que eu levantei e fui para a capela. Ali eu, arrependido pelo meu erro, com grande dor e prantos, tomei o propósito de conversar com o Padre Reitor, na manhã seguinte, para revelar-lhe enfim tudo o que se passara em mim. (GIROLAMO TOCCHI n. 192, 30 junho de 1617, ARSI, FG. n. 735).*

O processo acima relatado em pormenores pelo autor aponta para o trabalho longo e sofrido da afirmação do sentido e da finalidade de sua vida, trabalho que demanda

intervenções de outras pessoas e a ocorrência de circunstâncias externas, para lograr seu desfecho.

***A meta, objeto de imaginação e de afeto***

A meta final é tema para a imaginação dos *Indipetentes*, de modo que o processo imaginético aproxima a meta futura ao cotidiano presente: “toda vez que tenho a ocasião de pensar naqueles países, eu sinto-me comover e enternecer a alma, e freqüentemente vou imaginando de estar no navio viajando entre dificuldades e padecimentos. Não posso evitar de derramar algumas lágrimas pela grande consolação que disto decorre” (FRANCESCO ROSSINO n. 185, Palermo, 14 junho de 1617, ARSI, FG. n. 735).

O derramamento das lágrimas é tópica inaciana, expressiva da vivência afetiva da presença do ser divino. No Diário espiritual, Loyola se refere muitas vezes a esta experiência durante a oração: praticamente a cada página desse texto, onde são relatadas suas experiências místicas, Inácio refere-se às lágrimas. Numa dada ocasião, afirma que “quase não me pude levantar de tantos soluços e lágrimas de devoção e de graça que recebia” (LOYOLA, 1544-45/1996, p. 22); “com inteligência e com lágrimas de tanto benefício e de tanta inteligência recebida” (p. 25); e a mesma vivência lhe acontece também quando “andando pela rua, me representava Jesus, com grandes moções de lágrimas” (p. 40).

A consolação é também *topos* inaciano: escreve Inácio sobre a consolação em seu Diário espiritual:

*Chamo consolação, quando na alma se produz alguma moção interior, com a qual vem a alma a inflamar-se no amor de seu Criador e Senhor; e quando, conseqüentemente, nenhuma coisa criada sobre a face da terra pode amar em si mesma, a não ser no Criador de todas elas. E também, quando derrama lágrimas que a movem ao amor do seu Senhor, quer seja pela dor de seus pecados ou da Paixão de Cristo nosso Senhor, quer por outras coisas diretamente ordenadas a seu serviço e louvor. Finalmente, chamo consolação todo o aumento de esperança, fé e caridade e toda a alegria interior que chama e atrai às coisas celestiais e à salvação de sua própria alma, aquietando-a e pacificando-a em seu Criador e Senhor. (LOYOLA, 1544-45/1996, p. 72)*

A consolação é sinal de autêntico discernimento quanto ao próprio rumo existencial, em oposição à ansiedade e inquietação, sinais estes de que ainda não se encontrara o caminho apropriado, conforme esclarece uma das autobiografias modelares da tradição jesuítica, o Memorial de Pedro Fabro (1546/1995):

*antes de afirmar meu animo no gênero de vida que Deus me outorgou, por meio de Inácio, achava-me sempre agitado e ofuscado por tais ventos, que ora escolhia o matrimonio, ora a medicina, ora a jurisprudência, ora a regência, ora o doutorado em teologia, ora o cléricado sem grau, ora às vezes até o monacado. Antes era movido por*

*esses ventos, segundo o maior ou menor elemento predominante, a saber, segundo esta ou aquela afeição desordenada reinante. Desses pendores, como disse, o Senhor me livrou e me fortificou com consolações espirituais a ponto de deliberar ser sacerdote, dedicado à seu serviço, em tão difícil e perfeita vocação (idem, p. 23).*

A aspiração à missão é também vivida pelos autores como meio para experimentar consolação e superar uma condição presente de falta de liberdade, devido ao apego aos afetos desordenados: “aqui eu me encontro por todos os lados amarrado por inúmeros laços de vários desejos e oprimido pelas amarras das minhas paixões de modo tal que é impossível me levantar e dar-me todo ao Senhor. Por isto para mim as Índias seriam um remédio para sair desta situação” (CARLO ZAMBOSTI n. 184, Novillara, 13 junho de 1617, ARSI, FG. n. 173).

Dilthey, ao definir os elementos essenciais das narrativas autobiográficas, frisa que nelas a reflexão acerca da própria vida é articulada em volta de um centro: uma meta à qual é atribuído valor absoluto e que rearticula também a memória e a expectativa. No autobiógrafo,

*a compreensão de sua vida realiza-se na relação entre as partes dessa vida e a concretização de um valor absoluto, de um bem incondicionadamente supremo. Nessa relação, surge para aquele que olha para trás a consciência do significado de cada momento anterior da vida. Ele não encontra em sua vida desenvolvimento, mas preparação para o abandono de todos os conteúdos perecíveis (1970/2010, p. 177).*

Ainda segundo Dilthey, esse eixo é a “força que impulsiona” o sujeito, não apenas para “seu direcionamento para um alvo”, como também para a “intenção de realização de algo” (idem, p. 182). O termo utilizado com grande frequência pelos *indipetentes* do século XVII para expressar vivências desse tipo de vivência, que já analisamos em trabalho anterior (MASSIMI & PRUDENTE, 2002), é desejo. Naquele trabalho assinalávamos como o desejo fosse tópico presente desde os inícios da história da Companhia e no que diz respeito ao século XVII citávamos uma fonte jesuítica muito utilizada naquele período para a formação dos jovens nos noviciados da Companhia: o *Ejercicio de Perfección y virtudes cristianas* (publicada em Sevilla, com edições em 1609, 1612 e 1616), obra escrita por Afonso Rodriguez (1538-1617). O livro, coletânea de textos pregados pelo autor para os religiosos, fornece conselhos práticos de vida espiritual. Rodriguez coloca no desejo o alicerce de toda a vida humana e espiritual, ao afirmar que “o princípio para alcançar a sabedoria, que é o conhecimento e amor de Deus, em que constitui nossa perfeição, é um verdadeiro e entranhável desejo dela; e a razão disto é, porque como dizem os filósofos, em todas as coisas e assinaladamente nas obras

morais, o amor e o desejo do fim é a primeira cousa, que move todas as outras a obrar”. (RODRIGUES, 1887, p. 19-20, citado em: MASSIMI & PRUDENTE, 2002, p. 32). No mesmo trabalho citávamos também uma importante autobiografia modelar da Companhia, a do jesuíta holandês Pedro Canisio SI (+1597), o qual afirma que experimentar o desejo é a tônica da juventude:

*Pois ansiosamente e não sem lágrimas eu te invocava e te apresentava o meu desejo (...) senti renovar-se freqüentemente este desejo de pedir que me fosse mostrado o certo e salutar gênero de vida a tomar. Parecem estes desejos completamente pueris, mas neles aparecem a inclinação da mente para uma realidade futura e neles os sábios enxergam e comprovam a conduta da admirável providência.* (Canisio, 1998, p. 27-28, citado em: MASSIMI & PRUDENTE, 2002, p. 33).

Com efeito, nas *Indipetae* do século XVII, o desejo das Índias é descrito como a força interior que desencadeia um dinamismo próprio: “internamente sinto-me puxar em países distantes, onde consumir meu tempo e minha vida” (CARLO D’ORTA n. 144, Capua, 29 de abril de 1617, ARSI, FG. n. 173). O dinamismo anímico relacionado à expectativa da realização de uma meta desejada cria uma vivência própria da temporalidade, que é analisada, numa perspectiva fenomenológica, por Eugenio Borgna. Este, retomando Minkowski, afirma que na vivência da esperança e da expectativa que se realize o que esperamos, “nós vemos o futuro mover-se em direção a nós: como uma estrela que num movimento vertiginoso se aproxime da terra. Libertos do futuro imediato, nós vivemos na esperança de um futuro mais amplo, mais distante, mais rico de promessas (...) e a infinitude do futuro abre-se para nós” (BORGNA, 2006, p.52). Desse modo, o devir adquire um horizonte.

Nas cartas dos *Indipetentes* do século XIX, o desejo missionário é enfatizado como sendo a origem da escolha de tornar-se jesuíta: “antes ainda de eu ingressar na Companhia, senti este impulso pelas missões estrangeiras que cresceu ainda mais depois que me tornei jesuíta”, de modo que “continuamente sinto tão forte excitação do coração” para esta missão “que sempre me acharei infeliz até quando não se abrir caminho para isto” (GIOVANNI BATTISTA BENETELLO, Reggio di Modena, 31 de dezembro de 1818, ARSI, Nuova Compagnia. Documenta AIT 1829-1831). Trata-se de um momento histórico marcado pela reconstituição da Companhia de Jesus (em 1814), após a supressão da mesma ocorrida em 1773, por obra do Papa Clemente XIV. A ‘Nova Companhia’ busca retomar a identidade originária em cujo âmbito o ministério missionário é decisivo. Isto explica, portanto, a ênfase dada nas cartas à identificação entre vocação à companhia e intenção missionária.

Uma mudança significativa na maneira de realizar o discernimento acerca das próprias motivações aparece nas cartas do século XX. Nestas, os autores dissecam de modo analítico os próprios estados interiores, fornecendo descrições pormenorizadas e meticulosas, fruto de uma observação de si que busca ser o mais possível objetiva, num distanciamento proporcionado pela apreensão reflexiva da própria vivência e pela ponderação racional dos argumentos favoráveis e contrários.

Um exemplo se encontra na carta escrita em 1922 por Fausto Gnavi, onde o autor afirma resumir “os motivos, os caracteres e as outras circunstâncias deste desejo tão vivo”, listando-os em ordem numérica. Dentre os motivos, coloca: a oblação ilimitada de si a Deus; maior segurança de perseverar na vocação e de manter o fervor; compaixão pelas almas que se perdem pela falta de evangelização; a mortificação da sensualidade; a paz na hora da morte; o “impulso incessante, espontâneo, que não consigo analisar, mas que me remorde quando me recuso escutá-lo e me infunde paz se o sigo”. Tais motivos são por ele reconduzidos ao segundo modo de eleição dos Exercícios inacianos<sup>7</sup>.

A dinâmica subjetiva de análise dos motivos para a ação é abordada por Binswanger: retomando Husserl, o psiquiatra afirma que a motivação plasma a história pessoal em conformidade com um sentido, devendo-se atentar para “a elaboração espiritual deste conteúdo motivacional, seu reconhecimento e interpretação, com todas as conseqüências vitais e espirituais disto decorrentes” (1955/2007, p. 53). O autor da carta em questão, Fausto Gnavi, pede o envio para a China e, ao detalhar as características de sua motivação, evidencia o aspecto dinâmico e expressivo da unidade de sua vida espiritual:

*(1) este desejo se acende ou se resfria segundo o crescer ou o diminuir do fervor; mas nunca se extingue, aliás, quando esfriar, é substituído pelo remorso, pois me parecia uma ofensa à vocação que me foi concedida por Nosso Senhor. (2) Esta aspiração salvou-me em tempestades agitadas que tive que enfrentar acerca da vocação na época dos estudos filosóficos, quanto tudo se obscureceu a não ser este desejo e ideal; (3) ao longo dos quatro anos de serviço militar, este ideal era o meu grande alicerce, pois procurava preservar-me da corrupção para me tornar apóstolo missionário e ao viver fadigas, perigos e dificuldades da linha de frente pensava estar me preparando para as Missões (...) e sempre no meio dos perigos da guerra me sustentava a convicção de que Deus me salvaria a vida para que eu me tornasse missionário. (4) Diante desta aspiração, tudo cede e se dissolve: afetos, inclinações naturais, etc....Me parece de sentir a força de renunciar a tudo e disposto a tanto, pelas Missões. (FAUSTO GNAVI, Chieri, 6 de janeiro de 1922, Roma: Arquivo Histórico Companhia de Jesus: ARSI. Missiones Petentes Prov. Rom. 1900-1938: n.7-10)*

O autor prossegue descrevendo características da sua personalidade, visando atribuir o anseio missionário ao posicionamento da vontade e não a traços do temperamento, ou a interesses pessoais:

*(5) Eu tenho pouco entusiasmo, quase nenhum. Pelo contrário, um pessimismo que me faz enxergar a vida demasiadamente preta; portanto, toda esta minha aspiração e impulso é uma reação continua da vontade. A vida missionária me dá medo, eu gostaria de poder dizer a mim mesmo que não fui chamado para ela, que estou mais apto para outras tarefas; além do mais, me parece que os chineses sejam demasiado antipáticos para mim, etc... E apesar de tudo, este impulso se impõe e sinto sempre em mim mesmo força de vontade para dizer: “apesar disto tudo, eu devo ir!”. E talvez este seja o indicio mais evidente que aquela voz provém da graça e somente dela (idem).*

Na ótica dos saberes psicológicos transmitidos e elaborados no âmbito da Companhia de Jesus, a ênfase na vontade como alicerce da decisão se justifica pela importância atribuída à vontade, tida como “via infalível que conduz à felicidade” (NIEREMBERG, 1657, p. 1), na medida em que foi moldada em conformidade com a vontade divina através da virtude da indiferença. Esta conformação é atestada na carta deste autor, pela afirmação de que “mais eu rezo e mais desaparecem os outros ideais mais ou menos humanos: estudos, ministérios, missões rurais, etc...” (idem).

A seguir, Gnavi passa a descrever “suas qualidades” psicossomáticas:

*(1) Minha saúde é resistente a qualquer gênero de vida: comprova-se pela experiência de dois anos contínuos de serviço militar na linha de frente; (2) a índole de meu caráter não é alegre nem triste. Ao longo de toda minha vida militar, de acerca quatro anos, não lembro ter sofrido melancolias, a não ser duas vezes e de modo passageiro; (3) eu sou de pouca iniciativa, mas tenho vontade resistente; (4) tenho engenho medíocre, habilidades medíocres: tudo o que consigo com minhas fadigas é mais fruto de aplicação do que de engenho e de habilidade natural. Naquilo que eu faço, posso prometer a mim mesmo apenas um êxito medíocre. (5) Eu sou até demasiado sensível, sob a aparência da frieza, frieza esta que talvez seja efeito da vigilância exigida sobre meu coração” etc. O autor reconhece possuir muita inclinação para os estudos, sobretudo da física, sendo este um dos motivos da reticência em pedir o envio em missão, mas que “de fato também o ideal dos estudos esvaece diante do anseio pelas missões (idem).*

O autor segue expondo suas virtudes e seus defeitos: “a tendência ao estudo não me torna, porém, abstrato, mas me educa a não perder tempo quando me ocupo em coisas concretas”; “por orgulho encontro dificuldade em depender nas coisas mínimas e estou buscando corrigir este defeito”; “sou detalhista”; “nas coisas praticas sou até demasiado decidido”. Declara por fim: “me examino freqüentemente para avaliar se não haja alguma busca por maior liberdade, mas graças a Deus não me parece seja o caso”. (FAUSTO GNAVI, Chieri, 6 de janeiro de 1922, Roma: Arquivo Histórico Companhia de Jesus: ARSI. Missiones Petentes Prov. Rom. 1900-1938: n.7-10).

Nesta longa análise, observamos os frutos de um detalhado e cuidadoso exame de si que, na formação jesuítica, define-se como o discernimento: trata-se do processo pelo qual se distinguem os diversos níveis de uma determinada experiência com a finalidade de esclarecer intenções, separar o que está misturado (e poderia confundir), avaliar os motivos de maneira correta tendo em vista a tomada de decisões (Jurado, 1997). De modo particular, o “discernimento dos espíritos” é o discernimento aplicado ao campo específico de estados de ânimo, movimentos interiores, tendências e inclinações. No século XIX e nos inícios do século XX, na literatura jesuítica que orienta este processo destaca-se a obra de Augustin-François Poulain (1836-1919), matemático e escritor espiritual da Companhia, autor de “Dês grâces d’oraison” (Paris, 1901), tratado de teologia mística que “exacerba o exame da experiência religiosa ou espiritual de modo semelhante ao método experimental próprio das ciências empíricas” (JURADO, 1997, p. 137). Além do mais, no século XIX, a psicologia científica em constituição, bem como a psicologia filosófica, tematizam amplamente o recurso à introspecção, tida como método principal para a análise pormenorizada da vida interior. Medeiros (2013) cita, dentre outros, William James, o qual “fala de ‘olhar para dentro de nossa mente’ para ‘descobrir’ estados de consciência”. (MEDEIROS, 2013, p. 16). Segundo Medeiros, “as palavras “introspecção”, “introspectivo” e “introspectivamente” têm 76 ocorrências em *The Principles* [de James], aparecendo praticamente durante todo percurso do livro” (idem, p. 27). Medeiros cita também autores ligados à teologia moral anglicana do século XIX que tiveram grande influência no que diz respeito à tematização dos métodos introspectivos, tais como Joseph Butler (idem, p. 45). Desse modo, o fato que os escritores das *Indipetae* realizem longas análises de si mesmos nas cartas é expressivo não apenas de sua formação jesuítica, mas também do contexto histórico a que pertencem.

Em 1932, Antonio Toldo escreve um longo relato autobiográfico sobre o chamado missionário:

*Há dez anos, na idade de 16 anos eu cuidava das coisas da família sem pensar nem nas missões nem na Companhia de Jesus, quando uma manhã (no dia 12 de fevereiro de 1922) eu tive um sonho misterioso. Pareceu de repente que estava numa igreja de missão, onde à presença do Santíssimo Sacramento solenemente exposto, dois missionários examinavam alguns meninos pagãos no conhecimento do catecismo. As respostas saíam prontas e precisas enchendo de consolação os missionários. Eu estava olhando e observando cheio de surpresa e de admiração. De repente, voltando o olhar para Jesus, vi a Sagrada Hóstia resplandecer por luz vivíssima e na mesma hora ouvi estas palavras que me parecia virem do ostensório: “Veja a consolação e a doçura dos missionários!”*

*Eu fiquei por alguns instantes atordoado e depois gritei: “Eu também quero ser missionário!”. Ao despertar, encontrei-me totalmente mudado. Com efeito, os negócios da família, os sonhos de prosperidade e de uma vida confortável que antes me atraíam tãto, aparecia-me um nada diante da sublime grandeza do Missionário e repensando ao meu grito saído do coração e dos lábios alguns instantes antes, parecia-me ser uma promessa, um juramento inviolável, solenemente feito ao próprio Jesus. Ajoelhei-me e mesmo prevendo a luta que deveria sustentar, renovei a Jesus a promessa jurada de querer ser missionário. A luta chegou sangrenta e cotidiana por parte sobretudo dos meus pais e parentes: nada fora poupado, nem ameaças, nem seduções, nem lágrimas. Jesus deu-me força – venci – e a vitória foi coroada com o ingresso na Escola Apostólica de Piacenza e logo depois no noviciado de Gorizia. Daquela manhã em diante, o anseio pelas missões nunca me deixara. Todos os dias lembro a Jesus a promessa recíproca.*

Antonio Toldo continua afirmando que este desejo seu sempre fora incentivado pelos seus superiores mais próximos e que, a partir destes conselhos, percebe ser necessário “fazer todo o possível para eu obter as missões” no momento presente. De fato, protelar o pedido poderia implicar “o perigo de perder as forças para se adaptar a um novo ambiente, à nova vida” e reitera que este seu desejo se conforma “aos desejos divinos” (ANTONIO TOLDO, Chieri, 15 maio 1932, Roma: Arquivo Histórico Companhia de Jesus: ARSI. Missiones Petentes Prov. Rom. 1900-1938). O recurso a uma lembrança do passado - sonho interpretado como manifestação da vontade divina – para tomar no presente uma decisão que compromete o futuro evidencia que o contínuo temporal encontra sua unidade no processo de tomada de posição da vontade.

### **Conclusão**

O percurso aqui realizado evidencia, portanto, o fato de que existem diferenças acerca dos modos de conduzir o exame interior: no caso dos *indipetentes* do século XVII, o processo de discernimento e decisão é descrito como guiado por uma intensa força afetiva (desejo), empenhada num combate vitorioso contra outros movimentos anímicos; nos autores do século XIX e XX, o exame é mais analítico, conduzido por uma racionalidade que se detém nos pormenores e justifica o pedido com base numa visada abrangente sobre o próprio processo existencial. Apesar dessas diferenças, porém, o dinamismo é análogo e, em todos os casos, centrado na mobilização da vontade direcionada para o objetivo reconhecido como adequado à personalidade do sujeito e à vontade divina. O teste da veracidade da vivência é a experiência da consolação.

A vontade, seja quando movida pelo forte afeto, como nos jovens autores do século XVII, seja quando movida pelo entendimento voltado à compreensão do próprio

processo pessoal, como nos jovens autores do século XIX e XX, é sempre, de qualquer forma, o motor principal do processo de subjetivação de um jesuíta; e por isto, ela assume um papel central também nas narrativas autobiográficas dos autores da Companhia de Jesus. Este processo é modulado pela experiência modelar dos fundadores, especialmente de Inácio de Loyola, através de um processo formativo em que os Exercícios Espirituais desempenham um papel decisivo. Com efeito, a escrita autobiográfica jesuítica sinaliza sempre a presença de um modelo a que o processo individual de cada autor busca se conformar. Trata-se do processo que Marin (PACHECO, 2004) define como “experiência modelar” jesuítica (1996): nos Exercícios, Inácio é proposto ao leitor como um “imitável, um modelo” (MARIN, 1999); de modo que o percurso ali proposto permite ao exercitante “reviver a vida do fundador, repetir a vida do fundador” (p. 146). Esta vida é mais do que uma série de eventos: é a trama dos eventos reconhecidos em seu significado (“tudo o que se passou em sua alma até o dia de hoje”- idem, p. 147).

Podemos afirmar, enfim, que as autobiografias jesuíticas e especialmente as cartas *indipetae* constituem-se em exemplos significativos do afirmado por Dilthey acerca da autobiografia: uma narrativa de si construída no eixo de uma conexão vital que confere sentido a cada detalhe e que é reconhecida e tematizada pelo seu autor como a nota dominante de sua existência.

## Referências

- ASTRIA, Gianbattista. *Indipete* n. 4, Genova, 8.1.1615, Roma: Arquivo Histórico Companhia de Jesus (ARSI), Fundo Jesuítico: FG. n. 173.
- BINSWANGER, Ludwig. *Per um'antropologia fenomenológica*. Saggi e conferenze psichiatriche. Trd. It. E. Filippini. Milano: Feltrinelli. 2007 (Original de 1955)
- BORGNA, Eugenio. *L'attesa e la speranza*. Milano: Feltrinelli. 2005
- CANISIO, Petrus. *Confissões de Pedro Canisio* (trado. Armando Cardoso SI). São Paulo: Loyola (original de 1570). 1998.
- DILTHEY, Wilhem. *A construção do mundo históricos nas ciências humanas*. Trad. M. Casanova. São Paulo: UNESP. Original de 1870. 2010
- GALLE, Helmut, OLMOS, A.C., KANZEPOLSKY, IZARRA, L.Z. (2009). (org). *Em primeira pessoa*. Abordagens de uma teoria da autobiografia. São Paulo: Anna Blume Editora. 2009.
- FABRE, Pierre-Antoine, “La décision de partir comme accomplissement des Exercices: Une lecture des *Indipetae*”, en Thomas McCoog, *Ite inflammate omnia: selected historical papers from conferences held at Loyola and Rome in 2006*, Roma, Istitutum Historicum Societatis Iesu, 45-70. 2010.

- FABRE, Pierre (1995). *Memorial*. (tradutor Armando Cardoso SI). São Paulo: Loyola. (Original de 1546) 1995.
- JURADO, Manuel Ruiz SI. *Il discernimento spirituale*. Cinisello Balsamo: San Paulo. 1997
- BARROS, Mariana, Leal & MASSIMI, Marina. Releituras da indiferença: um estudo baseado em cartas de jesuítas dos séculos XVI e XVII. *Paidéia*, 15, n. 31, 195-205.2005.
- BENETELLO, Giovanni Battista. *Indipeta*. Reggio di Modena, 31 de dezembro de 1818, Roma: Arquivo Histórico Companhia de Jesus: ARSI, Nuova Compagnia. Documenta Ex-Assistentiae Italiae, ARSI, AIT 1, f. I - Provincia Taurini 1829-1831.
- CARBONELLO, Gianfranco. *Indipeta* n. 11, Napoli 9 janeiro 1619, Roma: Arquivo histórico Companhia de Jesus (ARSI), Fundo Jesuítico: FG n.173.
- D'ORTA, Carlo. *Indipeta* n. 144, Capua, 29 de abril de 1617. Roma: Arquivo Histórico Companhia de Jesus (ARSI), Fundo Jesuítico: FG. 173.
- GNAVI, Fausto, *Indipeta* n.7-0. Chieri, 6 de janeiro de 1922, Roma: Arquivo Histórico Companhia de Jesus: ARSI. Missiones Petentes Prov. Rom. 1900-1938: n.7-10.
- MINKOWSKI, Eugène. *Verso una cosmologia*. Trad ita. D. Tarizzo. Torino. Einaudi (original de 1999). 2005.
- LOYOLA, Inácio. *Autobiografia*. (tradução de A. Cardoso). São Paulo: Edições Loyola (1554-1555). 1991.
- LOYOLA, Inácio. *Diário espiritual*. (trado. Armando Cardoso SI). São Paulo: Loyola. (1544-1545). 1996.
- LOYOLA, Inácio. *Exercícios Espirituais*. São Paulo: Loyola. 1990. (Original de 1548).
- MALDAVSKI, Alioscha. Pedir las Indias. Las cartas *indipetae* de los jesuitas europeos, siglos XVI-XVIII, ensayo historiográfico, "Relaciones" 132, (2012), pp. 147-181. 2012.
- MARCHESI, Giovanni Giacomo. *Indipeta* n. 206, Novellara, 13 luglio 1617. Roma: Arquivo Histórico Companhia de Jesus (ARSI). Fundo Jesuítico: FG. n. 173.
- MARIN, Luis. *L'écriture de soi*: Ignace de Loyola, Montaigne, Stendhal, Roland Barthes. Paris: PUF. 1999.
- MASSIMI, Marina & SILVA, Paulo José Carvalho. *Os olhos vêem pelo coração*. Ribeirão Preto: Holos. 2001.
- MASSIMI, Marina. & PRUDENTE, André Barreto. *Um incêndio desejo das Índias...* São Paulo: Ed. Loyola. 2002.
- MASSIMI, Marina. *A teoria dos temperamentos e suas aplicações nos trópicos*. Ribeirão Preto: Holos. 2010.
- MASSIMI, Marina. A fonte autobiográfica como recurso para a apreensão do processo de elaboração da experiência na história dos saberes psicológicos. *Memorandum*, 20, 11-30. Retirado em 03/11 /2013, da World Wide Web <http://www.fafich.ufmg.br/memorandum/a20/massimi05>. 2011.

- MEDEIROS, Eduardo Vicentini (2013). *Teorias da Introspecção e psicologia moral*. Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Filosofia. Porto Alegre, Brasil. 2013.
- NIEREMBERG, Jean Eusebio. *L'art de conduire la volonté selon les preceptes de la Morale Ancienne & Moderne, tirez des Philosophes Payens & Chrestiens*. Traduit du Latin de Jean Eusebe Nieremberg, Paraphrasé & de beaucoup enrichy par Louys Videl, de Dauphiné. Dedié à Monsieur de Lionne, Conseiller d'Etat ordinaire & Secretaire dès Commandemens de la Reyne Regente. Paris: Chez Jean Pocquet, 1657.
- PACHECO, Paulo Roberto Andrada. *Liberdade e indiferença: a 'experiência -modelo' jesuítica em cartas de jovens indipetentes espanhóis dos séculos XVI e XVII*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto. 2004.
- PIZZORUSSO, Giovanni, "Le choix indifférent. Mentalités et attentes des jésuites aspirantes missionnaires dans l'Amérique française au XVIIe siècle", *Melanges de l'Ecole Française de Rome. Italie Mediterranee*, 10 (1997), pp. 881-894, p. 882. 1997.
- PIZZORUSSO, Giovanni. *Autobiografia e vocazione in una littera indipeta inedita del gesuita Pierre-Joseph-Marie Chaumonot, missionario in Canada (1637)*, in *L'Europa divisa e i nuovi mondi*. Per Adriano Prosperi, vol. II, Pisa, Scuola Normale Superiore, pp. 191-202. 2011.
- ROSCIONI, Gian Carlo. *Il desiderio delle Indie*. Storie, sogni e fuche di giovani gesuiti italiani. Torino: Einaudi. 2001.
- ROSSINO, Francesco. *Indipeta* n. 185, Palermo, 14 junho de 1617. Roma: Arquivo Histórico Companhia de Jesus (ARSI). Fundo Jesuítico: FG. n. 735.
- SOUZA, Laura Vilela & MASSIMI, Marina. *Il desiderio dell'oltremare nelle litterae Indipetae: le condizioni psicologiche per l'azione nella narrativa di giovani gesuiti del sedicesimo secolo*. *Memorandum*, 3, 55-71. Retirado em 02 /07/ 2013, do World Wide Web: <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos03/souza01.htm>. 2002.
- TOCCHI, Girolamo. *Indipeta*. n. 192, 30 junho de 1617, Roma: Arquivo histórico Companhia de Jesus (ARSI). Fundo jesuítico, FG. n. 735.
- TOLDO, Antonio. *Indipeta Sn*. Chieri, 15 maio 1932, Roma: Arquivo Histórico Companhia de Jesus: ARSI. *Missiones Petentes Prov. Rom. 1900-1938*.
- VERACE, Giovan Battista. *Indipeta* n. 10-11, Genova, 20 de janeiro de 1615, Roma: Arquivo Histórico Companhia de Jesus (ARSI), Fundo Jesuítico: FG. n.173.
- ZAMBOSTI, Carlo. *Indipeta* n. 184. Novillara, 13 junho de 1617. Roma: Arquivo Histórico Companhia de Jesus (ARSI). Fundo Jesuítico: FG. n. 173.

Marina Massimi  
Departamento de Psicologia, Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto -  
Universidade de São Paulo  
E-mail: [mmassimi3@yahoo.com](mailto:mmassimi3@yahoo.com)

<sup>1</sup> Escreve Lamalle a respeito: “Le Litterac Indipetae (o: Indipetarum), cioè le lettere dei giovani religiosi al loro Padre Generale, per sollecitare l'invio alle missioni d'Oltre Mare, costituiscono, fra le lettere ricevute, una collezione d'un carattere che, perché non dirlo? ha per noi una speciale attrattiva. Sono lettere di natura privata, ma conseguente ad una misura ufficiale, che riservava all'approvazione del Generale l'invio alle missioni, salvo poche eccezioni '. Un po' giovanili forse nella espressione, ma ricche di particolari umani, sono sempre passate per una testimonianza eloquente di fervore collettivo. Il blocco principale era passato nell'800, per motivi contingenti, nell'Archivio della Procura generale; fu incamerato con esso nel 1871 e segui poi le sorti del Fondo Gesuitico; ne conserva le segnature '. In 29 scatole racchiude, per gli anni 1583-1770, un numero di 14067 lettere, provenienti da 5167 religiosi diversi. Un indice alfabetico fu compilato nel 1932-33 dall'aiutante dell'archivista P. Giuseppe. Cal. Sola. Ma la collezione del Fondo Gesuitico non è completa. Da due a tre mila altre Indipetae sono sparse nel resto dell'Archivio, disperse nella corrispondenza ordinaria (specialmente prima del 1580), o in piccole raccolte per Province". Altre sono scomparse: a giudicare dalle risposte e dagli indici antichi si può stimare ad un totale di 22/24000 le domande delle Missioni venute a Roma prima della soppressione del 1773. Molte di queste lettere sono pubblicate, separatamente in studi biografici, o in piccole serie d'interesse locale.

<sup>2</sup> W. Dilthey (1833-1911), filósofo alemão, é um dos autores que mais se dedicou à definição do gênero autobiográfico e a evidenciar a importância deste tipo de fontes para a literatura, a historiografia e a psicologia (GALLE et alii, 2009). Encontra-se uma síntese de sua visão na obra *A construção do mundo histórico nas ciências humanas* (DILTHEY, 1870/2010).

<sup>3</sup> Eugène Minkowsky (1885-1972), psiquiatra e fenomenólogo russo, busca um modelo de estrutura da psique, seja normal seja patológica, fundada no endereço fenomenológico de E. Husserl e na distinção bergsoniana entre tempo espacializado e duração vivida. Antecipou a *Daseinanalyse* de L. Binswanger. Escreveu a maior parte das suas obras em língua francesa: *La schizophrénie* (1927; 2ª ed. 1953); *Le temps vécu: études phénoménologiques et psycho-pathologiques* (1933, 2ª ed. 1968; trad. it. 1971); *Vers une cosmologie* (1936); *Phénoménologie et analyse existentielle en psychopathologie* (in *L'évolution psychiatrique*, 1948); *Approches phénoménologiques de l'existence* (in *L'évolution psychiatrique*, 1962); *Traité de psychopathologie* (1966).

<sup>4</sup> Ludwig Binswanger (1881-1966), neurologista e psiquiatra suíço, trabalhou com Freud, Jung e Bleuler, recebeu grande influência de Husserl e Heidegger, chegando a propor, a partir desta fundamentação filosófica, uma nova abordagem para a psicopatologia: a *Daseinanalyse*. Sua obra mais famosa é *Grundformen und Erkenntnis menschlichen Daseins* (1942).

<sup>5</sup> E. Borgna (1930-), psiquiatra italiano e expoente da psiquiatria fenomenológica. Dentre as suas obras, *L'attesa e la speranza*. Milano: Feltrinelli, 2005.

<sup>6</sup> A *Indipeta* é uma fonte multifacetada, por se inscrever também no gênero das cartas suasórias; por ser documento do significado e função que o ministério missionário adquire na Companhia de Jesus bem como da política missionária da mesma; por conter vestígios históricos importantes dos universos socioculturais e geográficos em que foram elaboradas.

<sup>7</sup> O Segundo Modo de Fazer Sadia e Boa Eleição inclui quatro regras e uma nota. 1ª Regra: “Que o amor que me move e faz escolher desça do alto, do amor de Deus. Assim, quem escolhe sinta primeiro em si como o amor maior ou menor ao que elegeu seja motivado apenas pelo seu Criador e Senhor.” (EE, 184). 2ª Regra: “Pensar numa pessoa que nunca vi nem conheci. Desejando-lhe todo bem, considerar o que eu lhe aconselharia fazer e escolher para a maior glória de Deus nosso Senhor e sua maior perfeição. E, então eu mesmo deveria agir segundo o que eu proporia para esta pessoa. (Exercícios Espirituais, par.185) 3ª Regra: “Situando-me na hora da morte, considerar de que forma e medida quereria ter procedido quanto à presente eleição. Esta será minha regra para cumprir em tudo a minha determinação” (Exercícios Espirituais, par. 186).

Situar-me ou imaginar-me na hora da minha morte, às portas do encontro definitivo com meu Criador e Senhor. Neste momento solene que resolução gostaria de ter tomado com relação à decisão que me preocupa agora. Que eu, pois, tome agora esta opção para não ter que me arrepender depois, no momento último e decisivo. A regra sugere também que se tenha como hábito pensar o que se escolheria na hora da morte. 4ª Regra: “Ver e considerar como me encontrarei no dia do juízo. Pensar como naquele momento quereria ter decidido na presente eleição, e que regra preferiria ter adotado. Mantê-la agora, para que então me encontre com total prazer e gozo.” (EE 187).

Nota: “Tomando essas regras para minha salvação e quietude eternas, farei a minha eleição e oferenda a Deus nosso Senhor, conforme o 6º ponto do primeiro modo de fazer eleição” (Exercícios Espirituais, par. 188).